

O TERRITÓRIO E O MAPA

João Teixeira da Motta

Edições Manuel Lencastre

Uma versão anterior deste texto foi publicada pela revista
Colóquio / Letras, n.º 110-111 (1989) e a sua
versão original em língua francesa pelas revistas
Incitation au Vol, n.º 2, *Troisième*
Millénaire, n.º 17 e *Lettre*
Internationale, n.º 29.

A 5 do mês X, Atahualpa, inspirado por um sonho, convocou o Escrivão e deu-lhe instruções para que fosse executado um mapa do Império.

O Escrivão enviou mensageiros aos diferentes governadores das províncias, solicitando que representassem e descrevessem os seus territórios. Os governadores sentiram-se esmagados pela tarefa que lhes era requerida. Interrogaram-se: como representar as montanhas, o amarelo do milho, a beleza das nossas mulheres? Enviaram então ao Imperador as mais deslumbrantes plumas, os cristais mais translúcidos e as mais belas bailarinas de cada província, esperando assim acalmá-lo e desviar a

sua curiosidade. De qualquer modo, pediram aos astrónomos que subissem ao cimo dos seus observatórios e suplicassem às estrelas — pois só elas poderiam ver o território — que lhes revelassem a cor e a forma que deveriam representar cada província no mapa do Império.

Mas os áugures sentiram que ao executar-se um mapa se aprisionaria a alma do povo: se é verdade que o Imperador se identifica com essa alma, que é seu dever proteger, ao agir daquele modo estaria contudo a tentar apropriar-se dela, violação que seria funesta para o Império. Certos adivinhos chegaram mesmo a insinuar que o primeiro que olhasse para esse mapa seria fulminado pelos deuses e cegaria.

Eclodiram então movimentos sediciosos entre as tribos, que se deslocavam de província em província, exprimindo desta maneira a sua recusa de serem inscritas no mapa do Império.

Tempestades anormais desabaram sobre o deserto, ao mesmo tempo que a chuva, ausente, tornava desertos os jardins dos governadores.

Constou depois que alguns xamães teriam afirmado que a tomada de medidas exactas causaria prejuízo às qualidades dos fluidos vitais da terra e constituiria uma ofensa aos espíritos que a regem.

As nascentes de água sagrada começaram a secar, serpentes atacaram os sacerdotes nos templos e houve mesmo quem visse clarões sair das pirâmides.

O primo do Imperador, de nome Analog, convocou em segredo os homens sábios do Império. Estes foram unânimes: temos sempre vivido no tempo imemorial dos nossos antepassados. Todas as manhãs nos levantamos e ajudamos assim o sol a erguer-se. Durante o dia, acompanhamo-lo na sua jornada pela pirâmide celeste, até ao momento em que ele é, por fim,

tragado pela serpente do oceano. A execução de um mapa que revelará a existência de coisas que a vista não alcança até ao horizonte vai conduzir a uma nova queda no Tempo.

O tempo tornado necessário ao Imperador para a conquista de mais espaço; o tempo necessário ao homem para imaginar o que não diz respeito à sua vida quotidiana.

Pois ao saber pelo mapa da existência precisa de outros espaços, começaremos a calcular antecipadamente o tempo que nos será preciso obter para nos deslocarmos. Criaremos deste modo um futuro, feito de momentos que quereremos modelar e colorir antes que o seu tempo chegue, o que colidirá com aquilo que a vida, na sua grande sabedoria, nos destinava e com a precisa forma como nesses momentos agiríamos. Para esse futuro, que assim teremos desencadeado, se dirigirão os nossos desejos, deixando nós de viver em paz o momento. E cada instante no qual

não vivemos inteiramente presentes aproxima-nos da morte.

Tornar-nos-emos impacientes, e ao querer fazer o Tempo curvar-se aos nossos desejos, o tempo que esse novo espaço acrescentado nos vai reclamar, o nosso tempo contrair-se-á e esquecer-nos-emos de tecer os laços invisíveis que instantaneamente são responsáveis pelos acontecimentos.

Por outro lado, ao querer-se, segundo o desejo do Imperador, alargar e impelir indefinidamente as fronteiras do Império, acabaremos por forçar as paredes do Espaço e por nos precipitar no abismo das águas primordiais que rodeiam a nossa Terra.

Tudo no Universo está em equilíbrio: por pouco que o alteremos, provocar-se-á um perpétuo combate entre os Senhores do Tempo e os Senhores do Espaço.

Um xamane das montanhas acrescentou ainda: na vida do nosso povo nunca procuramos para onde ir; esta-

mos sempre no lugar onde devemos estar. A terra estende-se diante de nós e os nossos pés encaminham-se por si próprios e movem-se directamente sobre a realidade. Tal como a viagem dos homens se faz e se descobre caminhando, também a viagem do xamane não precisa de mapas. Pois para nós o horizonte, quando o olhamos com atenção, abre-se como uma porta.

Se, pelo contrário, o mapa fosse executado, os actos dos homens deixariam de ser regidos por essa ordem imutável de aderência à realidade e passariam a ser inspirados pela revolta e pelo desejo de alterar o que é.

O mundo pertence ao deus que o criou. Só ele conhece o seu mapa. Quem o pretender decalcar será certamente fulminado do alto de uma pirâmide.

Fortalecido por estes vaticínios, Analog desafiou Atahualpa, e províncias inteiras vieram manifestar-lhe a sua adesão.

Atahualpa, pelo seu lado, era aconselhado por extremistas que insistiam em que até os nomes das tribos, das cidades e das populações deviam ser inscritos no mapa.

Os governadores então amedrontaram-se. Sabiam que, pela ciência dos nomes que os sacerdotes ligados à corte utilizavam, o Imperador poderia agir sobre eles à distância, manipulá-los, aniquilá-los. Pediram pois o parecer dos feiticeiros das aldeias. Estes confirmaram os seus temores: a inscrição daquelas palavras sobre as folhas seria fatal para a relativa liberdade das províncias. O Imperador poderia mais tarde mudar os nomes das províncias e das cidades, o que conduziria à mudança da natureza dos nossos povos. Poderia deslocar-nos para distantes regiões do Império, ou impedir os nossos movimentos ao criar muros invisíveis em redor das nossas províncias. Poderia até imaginar, criar e nomear novas províncias em prejuízo das que existem.

Em Cuzco-Tenochtitlan apareceram fendas nos muros do palácio imperial, enquanto alguns cortesãos sustentavam que faltava à soberania do Imperador um mapa que provasse a extensão e domínio do seu território, e outros continuavam a opor-lhes o facto de que se um tal mapa caísse nas mãos dos inimigos o Império correria um grande perigo.

Fortes terremotos rebentaram em diferentes partes do território. Os mágicos interpretaram-nos como manifestação da revulsão da terra perante a ideia de ser espartilhada e contida num desses coletes-de-forças utilizados para dominar os inimigos cativos.

O Imperador viu-se então obrigado a convocar o conselho dos homens-jaguar e dos homens-águia.

Estes levaram tempo, não a porem-se de acordo, mas a descobrir a expressão exacta da mensagem que seria iniludível para Atahuallpa. Primeiro falou

Om-Tasak, amigo do Imperador que acompanhava quando das cerimónias, segundo senhor das palavras, guardião dos livros, que disse:

Somos homens que se tornaram homens-jaguar e homens-águia. O jaguar é o animal mais rápido e que melhor sente os instintos. A sua intuição é fulgurante: compreende e ultrapassa os pensamentos dos homens. A águia é o animal que voa mais perto do sol e só ela o ousa fixar sem queimar os olhos. A Grande Águia, essa sustém a Terra nas suas garras, alimenta-se da essência do coração de cada homem e as suas asas batem as sombras dos mundos. Por eles, jaguar e águia, conhecemos o Espaço, horizontal e vertical.

Neste mundo os seres vivem a sua vida quotidiana e conhecem a felicidade que ela lhes pode oferecer. O tempo deles adere ao espaço em que vivem. No mundo do nahual, nós, os xamanes, estamos fora do tempo e o espaço não nos limita. Pois podemos, em

relâmpagos mais céleres que o jaguar ou a águia, deslocar-nos pelos mundos. Lá onde o tempo pára e o Espaço se nos apresenta ilimitado.

Porém, pela realização de um mapa, que reduziria o território, a matéria do Universo implodiria, passando o céu a ser povoado de buracos negros que absorveriam a luz do nosso sol e das estrelas.

Com elas apagadas, um tempo viria então em que as torres dos observatórios se voltariam contra a sua função. Seriam construídas para escalar e conquistar o céu, e os deuses puniriam os homens retirando o poder à palavra, que deixaria de ser capaz de criar e se tornaria estéril.

Pela palavra ordenamos e conduzimos o mundo. Se ela só pudesse continuar a ser usada para descrever o que já existe, as invocações cessariam de atrair a benevolência dos deuses; os templos já não poderiam ser consagrados; o nome dado a cada um deixaria

de corresponder à essência da sua alma; os animais rebelar-se-iam e as montanhas ocultar-nos-iam os caminhos.

A palavra desligar-se-ia do sentimento interior. Com essas palavras tornadas mortas os homens poderiam começar a enganar-se uns aos outros. E, pouco a pouco, outros nomes se adicionariam ao que já foi atribuído a cada ser e a cada coisa. Deixaríamos assim de falar uma só língua. Deixaríamos de ser irmãos. Toda a ordem seria transtornada.

Depois falou Lak Lagun, jaguar sem idade, que no princípio de cada ano acendia o fogo no templo da deusa das nuvens do Sul, e que diziam ser detentor do livro dos sonhos:

A realidade ultrapassa o território que se quer fazer representar. Todos os céus superiores, todos os infernos que nos estão por baixo não podem figurar em cartas. Se se quer reduzir o real ao território e este à carta, em breve os

homens só acreditarão nas cartas e os seus descendentes utilizarão cartas para adivinhar o futuro e dominar o Tempo.

Ora a nossa demanda sagrada decorre fora do tempo e a realidade última não é nomeável.

O Espaço é imenso, infinito. Não o tememos. Foi-nos mostrado pelos deuses para que o conheçamos, o impregnemos, para que o transformemos em luz.

O Tempo é a escravatura. Vai trazer a nossa destruição. Porque outros estão mais avançados no Tempo e entrarão por essa brecha.

O nosso livro sagrado, que nunca ninguém ousou pôr por escrito — o *Walam Ollum* —, diz-nos que outros seres vindos do Espaço para além dos mares, povos do mapa, inscrito sob o signo da cruz, nos crucificarão na carneira exacta do choque do Tempo sobre o Espaço.

Depois de um silêncio falou Silim-

-Tuhar, o poeta cujos cantos e flores fascinavam a corte. Utilizava o vermelho e o negro para fazer pinturas vivas, e sabia-se que conversava com os animais. Enquanto ele falava, a sala do conselho encheu-se de uma presença e as paredes pareceram dissolver-se:

Pelos rituais, o nosso povo vive ainda e sempre no tempo eterno dos nossos antepassados. Com eles recriamos o Mundo. No tempo da primeira criação, eles deram forma à paisagem. Tudo o que nos rodeia é uma lembrança que eles nos deixaram. Todas as suas lágrimas tornaram-se lagos. As suas correrias abriram o caminho ao leito dos nossos rios e para se repousarem criaram as montanhas onde se sentavam.

Com amor e paciência apanharam as pedras que voavam pelo espaço e deram-lhes seguro um lugar nesta terra. Partindo um pedaço de sol distribuíram-nos algumas cores para que nos pudéssemos assim lembrar da sua

alegria. E foi o sol das suas cabeleiras que de imprevisto deu a cor ao nosso milho.

Vestidos de nuvens, em precisos lugares esconderam as suas bonecas, que se tornaram depois os nossos ídolos. As nossas chuvas são as gotas dos seus banhos e os tremores de terra o estremecer das bolas com que brincam.

Finalmente falou Taruman, um dos quatro príncipes, homem de vastos conhecimentos e que dizia já não ter nome:

Ao olhar para esse mapa, o Imperador verá nele o que quiser e o que lhe vier ao espírito. Como um espelho mágico, o mapa dir-lhe-á coisas que já não existirão ou sugerir-lhe-á mudar a realidade, para se engrandecer no Espaço utilizando o Tempo. O Imperador poderá até fazer elaborar mapas puramente imaginários, desinteressando-se pois do governo do conhecido. Isolar-se-á do seu país,

não estará mais neste mundo, olhá-lo-á de fora.

Deixará assim de estar em ligação com os símbolos que os deuses nos legaram e que, como ele, nos ligam ainda às outras partes e níveis da realidade, àquilo que somos no Todo.

O mapa introduzirá a negação pela exclusão do desconhecido, de tudo o que ronda as nossas fronteiras. A guerra tornar-se-á pois inevitável contra os que nele não estiverem inscritos.

Como os rios e os caminhos da nossa terra, os nossos nervos asseguram já o funcionamento feliz do nosso corpo e dos seus movimentos no espaço. Fixar e paralisar os rios e caminhos num mapa desviaria a função dos nossos nervos. Estes, entorpecidos, passariam a alimentar as efabulações do pensamento, encaminhando-nos para o definhar dos nossos corpos. Perderíamos deste modo a tranquilidade, pois os nossos sentimentos e os nossos órgãos começariam a ser dominados por um centro, que já

não se contentaria em reconhecer e nomear o que nos rodeia, mas exigiria tudo trazer a si. Cada homem se julgaria então pertença de si próprio. A solidariedade do nosso povo seria destruída, a comunhão com os antepassados cessaria e os deuses suspender-nos-iam a sua protecção.

Atahuallpa, perturbado, fez mesmo assim convocar os sete governadores das províncias. No recinto aberto do Palácio, cada um realizou um pequeno jardim mágico. Usaram areia e terra, arbustos e amuletos, folhas e estatuetas, pedaços de metal, pedras e cristais e flores e objectos de barro e de madeira, que dispuseram segundo o que sentiam.

Por auscultação da terra, a mais velha das mulheres-serpente designou um daqueles jardins como o mais representativo do território se o mapa viesse a ser realizado. Era o do governador de Sonora, que representava um deserto,

sem árvores, onde os animais se sentiriam perdidos e os homens vagueariam sem rumo, numa eterna procura de significado. Seria a «terra gasta», pois a ametista cessaria de poder activar magicamente o jade e por ele ser fecundada, o que desvitalizaria as emanções do solo. O Imperador perderia a lucidez, as mulheres deixariam de poder gerar e a raça extinguir-se-ia.

Atahualpa deitou o seu anel ao fogo. Levando a mão esquerda ao coração, ergueu o braço direito em direcção ao sol e disse:

O mapa não se fará. Mas o espírito desse mapa que invocámos já se pôs a caminho e urge agora que se cumpram as profecias. Vi que se aproxima o dia em que um Império mais vasto e poderoso que o nosso nos reduzirá à escravidão. É tarde demais para entrarmos por nós próprios no reino do Tempo.

As lianas da ponte que liga a Terra ao Céu foram já cortadas. Os quatro

pontos cardeais recusaram-se a intervir. Cercado e trespassado, o centro acaba de ceder.

Pelo sacrifício, tornamos sagrado aquilo que não o era: sacrificamos o que menos nos importa para obter o mais alto bem. As nossas vidas e os nossos corpos sofrerão, pois, mas deles se libertará um dia um outro sopro, cuja expansão nada poderá conter. A respiração de todos aqueles que através das épocas foram sacrificados pela guerra e pela fome tornar-se-á então chama. E essa chama, atravessando a terra como um imenso sonho de amor, abrasará de surpresa o coração adormecido de todos os homens.

Pela pulverização do centro, que tomará invisível residência em cada um de vós, as gerações futuras guardarão viva a memória do nosso Império podendo assim, fraternas, tornar-se sementes de um Império universal. Onde o imperador será como um diamante, através do qual cada um segundo a sua

faceta poderá instantaneamente encontrar límpida resposta e atravessar o nevoeiro dos seus medos e ilusões.

Mas com a chegada desses seres, que crêem dominar o Tempo mas na realidade o sofrem, a nossa forma de viver extinguir-se-á. O Sol nosso Pai abandonar-nos-á e seremos assim obrigados a gemer na sombra, a ver a nossa alma violada e o nosso povo inferiorizado e dizimado.

Como o mundo deixará de estar sustentado, presenciaremos a destruição das nossas cidades e o desabar das nossas casas. Com a desordem dos ventos, veremos doenças desconhecidas espalharem-se. Seremos submetidos a uma vida dominada pelos deuses deles, o ouro e a prata, aos quais eles diariamente se sacrificam. E serão eles que executarão o mapa do nosso Império e aí concentrarão o seu poderio.

Mais tarde, o tempo virá em que a Terra, nossa Mãe, será desrespeitada e espezinhada, as florestas destruídas,

as estações do ano alteradas. O ar tornar-se-á negro e espesso e a água envenenada. Matérias impuras e viscosas serão usadas para atrair o fogo e desenvolver a vida dos homens, e até o mar que nos rodeia será um dia pasto de chamas.

E, contudo, vi também o dia da nossa libertação. Os nossos descendentes, Analog, redescobrirão com infinita humildade as relações secretas que unem todos os seres do Universo. Sentirão também que esta nossa terra é mágica e só espera a plenitude de poder revelar o seu tesouro. Ao ligarem aquelas forças do Universo às que a magia da terra emana, uma força irresistível surgirá, cuja utilização exacta e ponderada permitirá à alma do nosso povo libertar-se das formas que lhe são estranhas.

E tendo assim reencontrado o segredo da sua alma, o nosso povo será o primeiro detonador das estruturas iní-

quas que eles terão espalhado sobre a terra.

Os povos poderão libertar-se do falso mapa do mundo, baseado no acumular do ouro, na obrigação do trabalho diário e na dependência dos utensílios e dominado por uma pesada forma de pensar.

O ouro passará a ser visto como uma poderosa força, mas que queima as almas daqueles que a impedem de fluir na direcção certa. Os instrumentos, novamente impregnados de sentido, agradecer-nos-ão tê-los devolvido à sua natureza de auxiliares, para que tenham nascido, entrando no seu próprio paraíso. De novo se aperceberá a ilusão de querer apropriar a terra, pois ela oferece-se aos que a veneram e é, como tudo neste mundo, um préstimo dos deuses, com vista ao seu melhor uso.

E quando os homens quiserem, um outro tempo virá. Em que aqueles que o desejem poderão, ao abrir-se inteira-

POST SCRIPTUM

mente à corrente da vida, ser eles próprios e assim mudar o mundo. Depois do dia da mais rasgada iniciação da matéria, quando o grande cogumelo se enfurecer e irradiar por duas vezes o seu aviso, rebentando em mil cores sombrias, novas gerações nascerão, que as raças, os deuses, o ouro e a língua nunca mais conseguirão dividir.

Começaremos aí a libertar-nos do reino do Tempo. Pois nesses dias encaminhar-nos-emos para o ultrapassar da linhagem do tempo, do apego a um tempo constantemente projectado para diante. Começaremos a viver no tempo real, onde todos os acontecimentos da vida diária de cada homem se encadeiam uns nos outros, onde não há tempos mortos ou esperas e tudo faz sentido.

Rasgando os velhos mapas, compreender-se-á de novo que tudo na vida de um homem é sagrado, que se o seu trabalho não é fruto de amor, todas as outras partes da sua vida

são afectadas e que toda a ordem que não é sentida o afasta de si próprio e o impede de se aproximar dos deuses.

Veremos com surpresa que o corpo, quando livre, é também vento e fogo, e, para além das molduras que demarcam o território, pressentiremos que é ilimitada a tela onde cada um pinta, sublime, a sua miragem. Pois todo o som que produzimos ecoa nas oitavas superiores, todo o acto que executamos é criador de um mundo distante e toda a oportunidade aproveitada liberta ao longe uma força adormecida.

Sentiremos que os mapas não podem forçar as portas do divino, que o pensamento não pode compreender o indizível território. Veremos que só a poesia, a música e a dança o podem pressentir e só a tranquila atenção do silêncio o pode inesperadamente acolher.

Perceberemos que o mapa não é o território. Pois os mapas que a sociedade impõe só falam do conhecido e só

referem as sendas batidas, ao passo que a beleza é livre e selvagem e a verdade uma terra sem caminhos nem rodeios.

E tendo compreendido que os mapas nos escondem o território e não são mais que sinais que nos perdem, ver-se-á finalmente que somos nós próprios o caminho e todas as vias apenas a forma de que se revestem os nossos desejos.

Os homens poder-se-ão libertar do destino, ao qual sempre estiveram submetidos sem saber. Emancipados das cartas do céu, que regem ainda a vida daqueles para quem o céu não está dentro deles, sentirão que a primeira e única liberdade é a de se tornarem eles próprios, começando assim a entrar no território divino da liberdade total. E um sentimento irreprimível varrerá como uma vaga as últimas barreiras que separam os homens.

Os nossos territórios, a terra inteira tornar-se-á vibrante e livre e de novo comungaremos com os nossos irmãos e

irmãs, os animais, as plantas, as pedras, as estrelas. Pois saberemos finalmente que, apesar das aparências, somos nós próprios o território.

O mapa que Atahualpa visionava era o Universo.

Virou-se para trás e disse: «Aquele deus que se esconde para além da circunferência.»

E os artífices incluíram-no também.

Aos seus movimentos chamavam já os homens constelações.

Viu dentro de si muitas luzinhas vermelhas, a que chamavam sóis.

Sentiu que cada homem era um deus, e deus se sentia em cada um.

Deixando a dualidade servir-lhe de cenário,

Fez a via láctea dançar desde a mão direita até ao pé esquerdo.

E utilizava-a como forma através do Universo, por planos ondulantes.

E quando ela se tornou asas, abraçou outros Universos.

Ao chegar ao centro, integrou a pequena galáxia que emperrava a roda do destino.

Soprou... E o Universo refulgiu de novo.

Descendo à Terra, o seu pé esmagou descuidado uma montanha.

Via as cordilheiras espriarem-se, e ao longe, o oceano aproximava-se e abria-se diante de si.

Mostrou ao seu povo a direcção da saída.

Sentiu as asas da águia fazerem-se braços.

Humano, nas células guardava a memória das constelações.

Mas sem deus, que seria de si?
Deixou os papéis ao acaso do momento: deus, homem, estrela...

O Universo brilhava e a memória perdera-se.

